

A ideia de história e de Oriente no último Marx

Pedro Leão da Costa Neto

Como citar: NETO, Pedro Leão da Costa. A ideia de história e de Oriente no último Marx. *In* : ROIO, Marcos Del (org.). **Marxismo e Oriente** : quando as periferias tornam-se os centros: Oficina Universitária; São Paulo: Ícone, 2008. p.51-67. DOI: <https://doi.org/10.36311/2008.978-85-274-0962-9.p51-67>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

A IDÉIA DE HISTÓRIA E DE ORIENTE NO ÚLTIMO MARX

Pedro Leão da Costa Neto
Prof. de Filosofia da Universidade Tuiuti do Paraná

I Introdução

Como é notório, Karl Marx e Friedrich Engels, dedicaram-se em diferentes momentos, ao longo das suas vidas ao estudo das sociedades pré-capitalistas e das diferentes vias de desenvolvimento da sociedade humana, cabendo aqui destacar os seguintes escritos: K. Marx e F. Engels: *A Ideologia Alemã* (1845), K. Marx: Artigos sobre a Colonização Britânica na Índia (1851), K. Marx: *Formações Econômicas Pré-Capitalistas* (1857-1858), K. Marx: *O Capital* (1867-1875), K. Marx: Escritos sobre a Rússia (1877, 1881), F. Engels: *Anti-Dühring* (1878), F. Engels: *A Marca* (1882), K. Marx *Notas Etnológicas* (1880-1882), F. Engels: *A Origem da Família da Propriedade Privada e do Estado* (1884).

Uma análise específica destes escritos, principalmente no que se refere às modificações ocorridas nas concepções de Marx e Engels, bem como as eventuais divergências existentes entre as posições dos dois fundadores da concepção materialista

da História, ultrapassaria os limites deste artigo e envolveria uma série de questões, entre as quais as referentes à polêmica sobre a sucessão dos modos de produção e sobre o modo de produção asiático que desempenharam um importante papel nas discussões marxistas no século XX.³⁹

O objetivo de nosso texto é apenas o de efetuar uma análise a partir do conjunto de textos de Marx dedicados à Índia (em particular: *A dominação britânica da Índia*, e *Futuros resultados da dominação britânica na Índia*) e a Rússia (em particular: *Carta a Redação de "Otiechestviennie Zapiski"* e *Carta e rascinhos em resposta à Carta de Vera Zaslitch*), tentando identificar as transformações ocorridas na concepção de Marx, particularmente no último período de sua produção teórica, mudanças essas que se caracterizam, segundo nossa interpretação, pelo abandono de uma concepção excessivamente otimista sobre a evolução do capitalismo e a possibilidade de um rápido triunfo da revolução nos países europeus. A transformação desta visão o conduziu a uma preocupação crescente com a possibilidade de evitar uma passagem necessária através da sociedade capitalista.

2 Análise marxiana do colonialismo na Índia e concepção de História

Uma comparação entre os textos de Marx dedicados à penetração britânica na Índia⁴⁰ e aqueles tardios sobre a comuna

³⁹ Para um balanço geral desta polêmica dentro da tradição marxista remeto aos trabalhos monográficos de: SOFRI, Gianni. *O Modo de Produção Asiático: História de uma Controvérsia Marxista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977; e BRATKIEWICZ, Jaroslaw. *Teoria Przekapitalistycznej Formacji społecznej w Kulturach Orientalnych*, Wrocław: Ossolineum-PAN, 1989.

⁴⁰ MARKS, Karol e ENGELS, Fryderyk. *Dzieła* (Tradução polonesa da MEW.) Vol. IX, Varsóvia: Książka i Wiedza, 1965. Uma coletânea dos artigos de Marx sobre a Índia escritos para o *New York Daily Tribune* e de sua correspondência com Engels sobre esta questão, Cf. GODELIER – MARX – ENGELS. *Sobre o Modo de Produção Asiático*, Barcelona: Ediciones Martínez Roca, 1969, pp. 71-108.

rural russa, mostram significativas diferenças de perspectiva. Em relação a Índia, são sublinhados o caráter estacionário das comunidades rurais hindus e sua dissolução resultante da colonização britânica, associada a uma avaliação reservada sobre as possibilidades da resistência e das revoltas contra a ocupação inglesa. Esta concepção se diferencia, claramente, das opiniões expressas posteriormente em sua correspondência sobre a comuna rural russa, em particular na sua *Carta de 1877 a redação de Otietchestviennie Zapiski* e na *Carta e rascunhos em resposta à Carta de Vera Zasulich* de 1881⁴¹, nos quais o autor afirma que a comuna rural russa poderia oferecer a possibilidade de um desenvolvimento histórico que evitaria uma passagem através do “inferno capitalista”.

Tentaremos mostrar, partindo da comparação entre esses dois grupos de textos, que as mudanças na visão de Marx, quanto à importância das comunidades pré-capitalistas, devem ser associadas às concepções metodológicas por ele defendidas no último período da sua vida e, portanto, não representam apenas, como querem alguns, uma acentuação de aspectos críticos que já estavam presentes nos escritos da década de 50.⁴²

O último período da vida de Marx, que tem seu início em 1871 e se conclui com a sua morte em 1883, foi marcado por uma grande tensão teórica, resultante da derrota da Comuna de Paris e dos destinos assumidos pelo movimento operário europeu e da vitalidade demonstrada pelo capitalismo em superar os seus obstáculos⁴³. Trata-se de um período pouco

⁴¹ MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Escritos sobre Rússia II: El Porvenir de la Comuna Rural Rusa*. México: Siglo XXI, 1980.

⁴² Consultar por exemplo: MELOTTI, Umberto, Marx e il Terzo Mondo. Per uno schema multilineare dello sviluppo storico, Milano: Il Saggiatore, 1972, pp. 181-182, e SACHS, Ignacy, Problemy Indii w pracach K. Marksa i F. Engelsa. In: MARKS, Karol e ENGELS, Fryderyk. Dzieła, Vol. XII, Varsóvia, 1967, pp. 19ss. Mesmo apresentando uma leitura matizada e anti-unilinear da concepção de Marx sobre a evolução das sociedades humanas, ambos autores tendem a relativizar a diferença existente, entre os textos de Marx, que serão objeto de nossa análise.

⁴³ Sobre uma caracterização geral do período, Cf. BALIBAR, Etienne. A Filosofia de Marx, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995: pp. 16ss. e 123-133.

analisado da obra de Marx e que, em grande medida, está recheado de escritos inéditos, publicados postumamente. Após a publicação em 1873, da segunda edição alemã de *O Capital*, e em 1875 da conclusão da publicação em fascículos da tradução francesa desta mesma obra, Marx escreveu apenas pequenos artigos, redigindo notas de leitura e trocando uma extensa correspondência com Engels e outros personagens.

Mesmo não publicando nenhuma obra significativa, os escritos deste período possuem uma excepcional carga teórica. Nestes textos o autor de *O Capital* aborda uma série de importantes questões relacionadas à questão do Estado, à situação do movimento operário e de suas diferentes perspectivas de desenvolvimento, como por exemplo, quanto ao destino da I Internacional, quanto ao perigo da crescente corrupção do movimento operário, em particular do inglês e do alemão e, ainda, ao problema da transição socialista, dentro da qual a problemática da ditadura do proletariado passa a ocupar um importante lugar, surgindo, também de uma reflexão acerca da eventualidade de uma passagem pacífica ao socialismo. Marx demonstra, uma renovada preocupação com o estudo das sociedades pré-capitalistas e de suas diferentes possibilidades de desenvolvimento e, por fim, a continuação – em menor escala – de seus estudos econômicos.

Os escritos de Marx, que constituem o objeto de nossa análise, nos oferecem uma curiosa simetria. Se, por um lado, os textos dedicados à Índia foram redigidos no início da década de 50, após as derrotas das Revoluções de 1848-1849, (na chamada Primavera dos Povos, que representou uma onda revolucionária em escala continental), e a dissolução em 1852 da Liga dos Comunistas; por outro lado, os escritos sobre a Rússia foram redigidos após a derrota da Comuna de Paris em 1871 e do declínio da Associação Internacional dos Trabalhadores, com a transferência, em 1872, do Conselho Geral da AIT para Nova Iorque e a sua posterior dissolução, em 1876. Portanto, as reflexões sobre a Índia e a Rússia surgem,

respectivamente, após duas significativas derrotas do movimento operário.

Marx, em seus escritos e correspondência, descreveu o processo de transformações ocorridas na Índia, como resultantes da introdução de modernas forças produtivas e a conseqüente dissolução das antigas formas de produção e de organização social sem substituí-las por outra nova, o que ocasionou uma profunda miséria:

Não cabem dúvidas, [...] que a miséria ocasionada no Hindustão, pela dominação britânica foi de natureza distinta e infinitamente mais intensa que todas as calamidades experimentadas desde então por este país. [...] Guerras civis, invasões, revoluções, conquistas, anos de fome: por mais complexas que possam parecer todas estas sucessivas calamidades, seu efeito sobre o Hindustão não deixou de ser superficial. Somente a Inglaterra, destruiu toda a estrutura social da Índia, e até agora não manifestou o menor intento de reconstituição. Esta perda de seu velho mundo, sem a conquista de um novo, imprime uma marca de particular tristeza à miséria dos hindus e desvincula o Hindustão governado pela Grã-Bretanha de todas as velhas tradições e de toda a sua história passada.⁴⁴

Mesmo sublinhando a violência e a gravidade das conseqüências do processo colonizatório, Marx ressalta o caráter essencialmente revolucionário destas transformações:

Ao destruir sua base econômica, (a Inglaterra produziu) assim a maior, e para dizer a verdade, a única revolução social que jamais foi vista na Ásia.[...] É bem verdade que ao realizar uma revolução social no Hindustão, a Inglaterra atuava sob o impulso de interesses mais mesquinhos, dando provas de verdadeira estupidez na forma de impor esses interesses. Porém não se trata disso. Do que se trata é saber se a humanidade pode cumprir sua missão sem uma profunda

⁴⁴ MARX, K. *La dominación británica en la India*, In: MARX C. e ENGELS F., *Obras Escogidas I*, Moscou: Editorial Progreso, 1980. p. 500; (MARKS, Karol e ENGELS, Fryderyk, DZIELA – MED tradução polonesa da MEW. T. IX, pp. 143-144.). A transcrição para a língua portuguesa, das citações das obras de Marx e Engels são de responsabilidade do autor desse texto.

revolução no estado social da Ásia. Se não pode, então, e apesar de todos os seus crimes, a Inglaterra foi o instrumento inconsciente da história ao realizar dita revolução.⁴⁵

Marx, em diferentes momentos, afirma que a sociedade hindu carecia de história e que a sua estrutura social era marcada por uma total passividade, e que, portanto, a sua conquista era uma fatalidade:

Assim, pois, a Índia não podia deixar de escapar ao seu destino de ser conquistada e toda história passada, supondo que tenha existido tal história, é a sucessão das conquistas sofridas por ela. A sociedade hindu carece por completo de história, ou pelo menos de história conhecida. O que chamam de história da Índia não é mais que a história dos sucessivos invasores que fundaram seus impérios sobre a base passiva desta sociedade imutável que não lhes oferecia nenhuma resistência. Não se trata, portanto, de se a Inglaterra tinha ou não direito de conquistar a Índia, senão de se preferimos uma Índia conquistada pelos turcos, pelos persas, ou pelos russos a uma Índia conquistada pelos britânicos.⁴⁶

Portanto, não se trata segundo Marx, de uma alternativa entre colonização e Independência, mas apenas uma escolha entre qual seria o colonizador da Índia. Ressalta ainda que a Inglaterra, ao lado de sua missão destrutiva, possuía igualmente uma missão regeneradora, cabendo-lhe lançar as bases materiais da sociedade ocidental na Ásia. Segundo Marx, seriam aspectos desta transformação: a unidade política da Índia, o desenvolvimento das forças produtivas (por meio da introdução da ciência britânica, do vapor e do telégrafo elétrico), o treinamento do exército hindu, a imprensa livre, a tão ansiada propriedade privada da terra e etc.

⁴⁵ Op. cit., p. 504; (MED IX pp. 147-148).

⁴⁶ MARX, K. *Futuros resultados de la dominación británica en la India* In: op. cit., pp. 506-507; (MED IX, pp. 246-247).

Marx na análise que nos oferece sobre as transformações ocorridas na Índia, acrescenta que, graças à introdução das estradas de ferro a Índia reeditaria o processo de industrialização ocorrido na Europa: “o sistema ferroviário se converterá em um verdadeiro precursor da indústria moderna”. É isso encontraria confirmação, segundo Marx, pela “particular aptidão (dos hindus) para adaptar-se a trabalhos totalmente novos”. É acrescenta de maneira otimista: “A indústria moderna, levada para a Índia através das estradas de ferro, destruirá a divisão hereditária do trabalho, base das castas hindus, esse o principal obstáculo para o progresso e o poderio da Índia”.⁴⁷ Note-se que estas palavras não nos deixam de soar semelhantes às escritas no Prefácio de *O Capital*, quando Marx afirma: *de ti fala a fábula (De te fabula narratur)*.

Após retomar a análise dos efeitos devastadores e aterrorizadores da introdução da indústria inglesa na Índia, Marx observa que estes são os resultados orgânicos e indissociáveis do desenvolvimento do modo de produção capitalista e conclui, afirmando:

O período burguês da história está chamada a lançar as bases materiais de um mundo novo; a desenvolver, por um lado, o intercâmbio universal, baseado na dependência mútua do gênero humano, e os meios para realizar esse intercâmbio; e, por outro lado, desenvolver as forças produtivas dos homens e transformar a produção científica em um domínio sobre as forças da natureza. A indústria e o comércio vão criando essas condições de um mundo novo do mesmo modo como as revoluções geológicas criaram a superfície da Terra. E só quando uma grande revolução social se apropriar das conquistas da época burguesa, o mercado mundial e as modernas forças produtivas, submetendo-as ao controle comum dos povos mais avançados, só então o progresso humano deixará de parecer a esse terrível ídolo pagão que só queria beber o néctar no crânio do sacrificado.⁴⁸

⁴⁷ Op. cit., p. 510; (MED IX pp. 250-251).

⁴⁸ Op. cit., pp. 511-512, (MED IX pp. 252-253).

Marx em outros escritos acentuará ainda mais esta sua concepção, transformando-a em um esboço de teoria geral da história:

Em si e para si, não se trata do grau mais elevado ou mais baixo de desenvolvimento dos antagonismos sociais que decorrem das leis naturais da produção capitalista. Aqui se trata dessas leis mesmo, dessas tendências que atuam e se impõem com necessidade férrea. O país industrialmente mais desenvolvido mostra ao menos desenvolvido tão-somente a imagem do próprio futuro.⁴⁹

Cabe por fim ressaltar que esta concepção elaborada por Marx na década de 50, pode ser igualmente encontrada em textos de K. Marx e F. Engels escritos no final da década de 40. São ainda exemplos paradigmáticos desta visão as opiniões expressas por eles no Manifesto Comunista, – aonde contrapõem às nações civilizadas as nações bárbaras – bem como as opiniões expressas por F. Engels sobre a colonização francesa da Argélia,⁵⁰ e sobre a conquista do México pelos EUA.⁵¹

3. Da Índia a Rússia: uma nova concepção de História

Entretanto, Marx, em seus textos tardios, passará a ter uma visão mais crítica sobre a colonização inglesa da Índia:

no tocante as Índias Orientais, por exemplo, todo o mundo, salvo Sir H. Maine e outros da mesma índole, sabe que ali (na Índia) a supressão da propriedade comum da terra não foi mais que um ato de vandalismo inglês, que empurrava a população autóctone não para frente senão para trás.⁵²

⁴⁹ MARX, Karl. *O Capital*. Crítica da Economia Política, Volume I, São Paulo, Abril Cultural, 1983, p. 12.

⁵⁰ Cf. sobre este respeito o artigo de F. Engels publicado no *The Northern Star* de 22 de janeiro de 1848.

⁵¹ Cf. sobre este respeito o artigo de F. Engels: *Die Bewegungen von 1847*, publicado no jornal *Deutsche Brüsseler Zeitung* nº 7 de 23 de janeiro de 1848. (MED IV pp. 684-697).

⁵² *Carta de Karl Marx a Vera Zasulitch (Rascunho III)*, K. MARX e F. ENGELS, *Escritos sobre Rússia II: El Porvenir de la comuna Rural Rusa*, México: Siglo XXI, 1980, p. 52. (MED XIX p. 449).

A passagem acima citada nos remete claramente às notas redigidas pelo autor, a partir da leitura do livro de Maxim Kovalevski: *A propriedade comunal da terra: as causas, processos e conseqüências de sua dissolução*, nas quais Marx escreve:

Os funcionários britânicos na Índia, assim como os críticos como Sir Henry Maine que confiavam neles, descrevem a dissolução da propriedade comunal da terra em Punjab como se tivesse sido produzida como uma conseqüência do progresso econômico, apesar da atitude carinhosa dos ingleses em relação a essa forma arcaica. A verdade é bem outra. Foram os próprios ingleses os principais (e ativos) agressores responsáveis por esta dissolução.⁵³

Marx em outras passagens reafirma sua crítica ao caráter apologético de Maine e outros escritores burgueses ingleses:

Alguns escritores burgueses, principalmente de origem inglesa, como, por exemplo, Sir Henry Maine, têm por objetivo antes de tudo demonstrar a superioridade e elogiar a sociedade, o sistema capitalista. [...] Lendo as histórias das comunidades primitivas, escritas por burgueses, tem que se tomar cuidado. Porque não retrocedem (frente a nada) nem sequer frente a falsificação. Sir Henry Maine, por exemplo, que foi um ardente colaborador do governo inglês na sua obra de destruição violenta das comunas hindus, nos conta com hipocrisia que todos os nobres esforços por parte do governo para apoiar aquelas comunas fracassaram frente a força espontânea das leis econômicas.⁵⁴

⁵³ MARX, K. *Konspiekt knigi M. Kovalevskogo "Obszczinnoje zemlevladenije priçyny, chod i posledstviya jego rozloženija"*, citado segundo WADA, Haruki: *Marx y la Rusia revolucionária*, In: SHANIN, Teodor (org.), *El Marx tardío y la vía rusa*. Marx y la periferia del capitalismo, Madrid; Editorial Revolución, 1990, p. 87. BRATKIEWICZ, na obra anteriormente citada, se referindo às mesmas notas de Marx, afirma: "Marx agora chama os ingleses na Índia de "cachorros ingleses", execra igualmente o cinismo da administração colonial, cujos atos de apropriação ilegal das terras dos Hindus apresentam como manifestação do progresso e da caridade civilizatória", In: BRATKIEWICZ, J., op. cit., p. 73 nota 81.

⁵⁴ Carta de Karl Marx a Vera Zasulich (*Rascunho 1*), In: op. cit. p. 34. (MED XIX pp. 432-433).

A leitura das passagens acima demonstra que Marx não mais julgará a dissolução da propriedade comunal – é a sua conseqüente substituição pela propriedade privada da terra – como um progresso e uma verdadeira revolução social como julgava anteriormente. Marx apontava em sua *Carta à Vera Zasulitch (Rascunho III)*, para o equívoco que seria a introdução do arrendamento na Rússia:

A Rússia trataria em vão de sair do seu atoleiro através do arrendamento capitalista à inglesa contrária a todas as condições sociais do país. Os mesmos ingleses fizeram esforços semelhantes nas Índias Orientais; e só lograram mutilar a agricultura do país e dobrar o número e a intensidade da fome.⁵⁵

Em uma carta a Danielson, Marx apresenta um balanço da exploração colonial e de suas conseqüências:

Na Índia estão para vir sérias complicações para o governo inglês, senão um violento distúrbio. O que tiram os ingleses anualmente sob a forma de renda, dividendos para as estradas de ferro que não são utilizadas pelos hindus, de pensões para o serviço civil e militar, para a Guerra do Afeganistão e outras guerras, etc, etc; tudo o que tiram sem retribuição alguma e fora do que se apropriam anualmente dentro da Índia, tendo em conta unicamente o valor das mercadorias que os hindus têm que enviar gratuita e anualmente para a Inglaterra; tudo isso chega a ser mais que o total do produto dos sessenta milhões de trabalhadores agrícolas e industriais da Índia! Isso é um processo de sangria, que não pode passar sem resposta. Os anos de fome se sucedem e em dimensões ainda inimagináveis para os europeus. Está em marcha uma verdadeira conspiração na qual cooperam hindus e muçulmanos; o governo britânico se dá conta de que algo está se “preparando”, porém esta gente superficial (me refiro aos governantes), cega pelos seus próprios procedimentos parlamentares de falar e pensar, nem sequer quer ver claramente e compreender as dimensões do perigo

⁵⁵ *Carta de Karl Marx a Vera Zasulitch (Rascunho III)* In: op. cit. p. 56, (MED XIX pp. 452-453).

eminente. Enganar os outros e os enganando é enganar a si mesmo: esta é a sabedoria parlamentar em uma fórmula sintética! Tant mieux!⁵⁶

Como observamos anteriormente, não é somente a sua visão sobre a colonização inglesa na Índia que sofreu uma sensível alteração. Analisando os escritos de Marx sobre a comuna rural russa, podemos identificar uma sensível transformação também em suas análises sobre as possibilidades de um desenvolvimento não-capitalista, tendo como ponto de partida as comunas rurais. Marx passa agora a assumir uma clara oposição a toda concepção fatalista da história, se opondo a toda tentativa de transformar a sua concepção desenvolvida em *O Capital*, em uma justificativa para uma dissolução necessária da comuna rural russa e de sua inevitável substituição pelo modo de produção capitalista:

O que põem em perigo a vida da comuna rural russa não é nenhuma fatalidade histórica, nem uma teoria: é a opressão pelo Estado e a sua exploração por capitalistas intrusos, tornados poderosos pelo mesmo Estado às custas dos camponeses.⁵⁷

Marx, pelo contrário, vê na manutenção da Comuna rural um ponto de apoio para um desenvolvimento totalmente diverso: "Pode chegar a ser o ponto de partida direto do sistema econômico ao qual tende a sociedade moderna e de transformar a sua existência sem começar por se suicidar".⁵⁸ Marx passava a identificar uma vitalidade própria nas comunidades de tipo arcaico, como uma forma social que poderia representar uma resposta às crises capitalistas, representando um elemento regenerador:

⁵⁶ Carta de K. Marx a Danielson de 19 de fevereiro de 1881, *MED XXXV* pp. 180-181.

⁵⁷ Carta de Karl Marx a Vera Zasulitch (*Rascunho II*), In: op. cit. p. 51 (*MED XIX* p. 447).

⁵⁸ Carta de Karl Marx a Vera Zasulitch (*Rascunho I*), In: op. cit. p. 39 (*MED XIX* p. 437).

Se a revolução se efetuar em um momento oportuno, se concentrar todas as suas forças (se a parte inteligente da sociedade russa) (se a inteligência russa concentrar todas as forças vivas do país), em assegurar o livre desenvolvimento da comuna rural, esta se revelará rapidamente um elemento regenerador da sociedade russa e um elemento de superioridade sobre os países dominados pelo capitalismo.⁵⁹

No lugar da dissolução necessária, agora Marx opõem a possibilidade de diferentes alternativas de desenvolvimento:

Sua forma constitutiva admite esta alternativa: ou o elemento de propriedade privada que implica triunfará sobre o elemento coletivo, ou este triunfará frente aquele. Tudo depende do meio histórico aonde se encontre [...]. Estas duas soluções são possíveis a priori, mas para uma ou para outra é evidente que se requerem meios históricos completamente diferentes.⁶⁰

⁵⁹ Carta de Karl Marx a Vera Zasulitch (Rascunho I), In: op. cit. p. 45 (MED XIX p. 442). Engels, que inúmeras vezes manteve um grande ceticismo sobre as possibilidades das comunas rurais russa, em uma carta – polêmica sob inúmeros aspectos – a Bernstein afirma sobre esta questão: “os búlgaros devem isso a que viveram tão longamente sob o domínio dos turcos, que conservaram os restos das antigas instituições clânicas e que as mantiveram intactas, as contribuições impostas pelos paxás foi apenas um obstáculo para a formação de sua burguesia. Os sérvios entretanto, que faz 80 anos se libertaram sob o domínio turco, destruíram as suas antigas instituições clânicas com a ajuda da burocracia que passou pela escola austríaca e por sua legislação, e por isso inevitavelmente sofreram inúmeras derrotas dos búlgaros. De aos búlgaros 60 anos de desenvolvimento burguês (e que assim mesmo não os levarão a lugar nenhum) e de governos burocráticos, se encontrarão igualmente em uma situação repugnante como hoje os sérvios. Para os búlgaros, como igualmente para nós, seria sem comparação melhor, que os búlgaros se mantivessem sob o domínio dos turcos até a revolução européia, as instituições clânicas serviriam de excelente ponto de partida para o desenvolvimento em direção ao comunismo, da mesma maneira que o mir russo, que hoje desaparece sob os nossos olhos”. Carta de F. Engels a E. Bernstein de 9 de outubro de 1886, MED XXXVI pp. 637-638.

⁶⁰ Carta de Karl Marx a Vera Zasulitch (Rascunho I), In: op. cit. p. 37 (MED XIX p. 435).

Através das longas citações acima reproduzidas tentamos indicar que Marx alterou radicalmente a sua forma de ver o papel colonizatório da Inglaterra na Índia. Pretendemos mostrar, que toda tentativa de explicar esta mudança, a partir de uma contínua observação das barbáries realizadas pela Grã-Bretanha na Índia ou pela França na Argélia são insuficientes e não explicam totalmente o problema analisado, uma vez que não é apenas a concepção sobre o papel civilizatório do capitalismo que está em questão, mas algo de uma importância bem mais abrangente: é a própria concepção histórica de Marx que sofre uma radical transformação, como buscaremos demonstrar abaixo.

Os escritos históricos de Marx sobre a Rússia além de nos permitir identificar as referidas mudanças, abrem igualmente possibilidades metodológicas que podem nos conduzir a elaboração de uma interpretação não dogmática e não teleológica da obra de Marx. Isso é manifesto na oposição expressa por Marx quanto à tentativa de transformar a sua concepção materialista de história em uma filosofia da história:

A todo o custo (o meu crítico), quer converter meu esboço histórico sobre as origens do capitalismo na Europa Ocidental em uma teoria histórico-filosófica sobre a trajetória geral a que se acham fatalmente submetidos todos os povos, quaisquer que sejam as circunstâncias históricas que nelas concorram, para chegar enfim naquela formação econômica que, a par do maior impulso das forças produtivas do trabalho social, assegura o desenvolvimento do homem em todos e cada um dos seus aspectos. (Isso me traz demasiada honra e, ao mesmo tempo, demasiado escárnio).⁶¹

Na seqüência, referindo-se a sorte dos plebeus da antiga Roma o autor de *O Capital* acrescenta:

Estudando cada um desses processos históricos separadamente e comparando-os logo entre si, facilmente

⁶¹ Carta de Karl Marx a la redacción de "Otiechestvennie Zapiski", In: K. MARX e F. ENGELS. *Escritos sobre Rusia*, op. cit. pp. 64-65, (MÉD XIX p. 127).

encontraríamos a chave para explicar estes fenômenos, resultado que jamais lograríamos ao contrário, com a chave universal de uma teoria geral da filosofia da história, cuja maior vantagem reside precisamente no fato de ser uma teoria supra-histórica.⁶²

Poderíamos reproduzir ainda inúmeras outras passagens que confirmariam a presença nos textos tardios de Marx a sua oposição a uma concepção fatalista e unilinear do desenvolvimento histórico das sociedades humanas. Mas, uma vez identificadas as transformações ocorridas na concepção de Marx sobre as comunas rurais arcaicas e das conseqüências teóricas e metodológicas resultantes, nos cabe tentar esboçar uma interpretação destas mudanças que contribuíram para esta transformação. Como já nos referimos anteriormente, julgamos que devemos interpretar as referidas mudanças a partir da inserção destes escritos históricos no conjunto da produção teórica do último período da vida de Marx.

Como já afirmamos anteriormente, Marx em suas concepções da década de 50 está profundamente marcado por uma "avaliação equivocada sobre a iminência da revolução".⁶³ Se Marx, por um lado, ao longo das décadas seguintes, constata o perigo de uma crescente corrupção do movimento operário alemão e inglês,⁶⁴ por outro lado toma

⁶² *Op. cit.* p. 65. (MED XIX p. 128).

⁶³ A respeito da eminência da revolução em Marx, Cf.: BASSO, Lélío, *Socialismo y Revolución*, México: Siglo veintiuno editores, pp. 199-215. É importante lembrar que Roman ROSDOLSKY em sua obra: "*Friedrich Engels y el problema de los pueblos 'sin historia': La cuestión de las nacionalidades en la revolución de 1848-1849 a la luz de 'Neue Rheische Zeitung'*", associa os equívocos no julgamento de povos da Europa Central e Oriental, como povos sem história, justamente a eminência da revolução: "*Era um mundo próprio muito diferente do atual, o mundo em que Engels e Marx atuavam como combatentes políticos, e também seus erros devem ser compreendidos a partir de sua especial problemática. Antes de tudo, o fundamental 'erro de ritmo', do que jamais conseguirão liberar-se totalmente (por razões muito compreensíveis) e que consistia em não querer outorgar uma vida mais larga ao capitalismo, que apenas havia alcançado a sua idade adulta, e por tanto, em considerar a revolução socialista como uma tarefa prática imediata de sua época*". México: Sigloveintiuno editores p. 188.

também consciência da crescente difusão de seu pensamento sobre os russos.⁶⁵ É, entretanto, em particular o fracasso da Comuna de Paris e os bárbaros massacres efetuados pela burguesia francesa após a sua derrota, que levará Marx a uma profunda transformação em sua reflexão sobre as perspectivas revolucionárias na Europa.⁶⁶

4 Últimas considerações

Esperamos ter demonstrado, nessas curtas notas, os textos de Marx deste período apresentam importantes indicações, que permitem neles identificar uma especificidade teórico-metodológica. Marx se expressa claramente e não sem irritação contra toda tentativa de transformar a sua obra em um sistema filosófico: "Segundo o senhor Wagner, a teoria do valor de Marx é 'a pedra angular de seu sistema socialista'.

⁶⁴ Cf. a este respeito a correspondência de Marx: *Carta de Marx a Sorge de 19 de outubro de 1877* (MED XXXIV pp. 331-333), *Carta de Marx a Liebknecht de 11 de fevereiro de 1877* (MED XXXIV pp. 350-354), e a *Carta de Marx e Engels a Bebel, Liebknecht, Bracke e outros de setembro de 1879* (MED XXXIV pp. 433-449).

⁶⁵ Cf. a este respeito a obra de DUSSEL, Enrique: "*El último Marx (1863-1882) y la liberación latinoamericana*", em particular o Cap. 7: *Del último Marx e a América Latina*, 7.2: *El "viraje": La Cuestión Rusa* (1868-1877) e 7.3: *La respuesta a Vera Zasulich o el apoyo a los "populistas rusos"* (1877-1881); pp. 243-261. Dussel enumera ao lado do fracasso da Comuna de Paris, uma sensibilidade ao problema camponês (anteriormente inexistente) e enfim a entusiasta recepção entre os intelectuais russos das suas idéias e obras.

⁶⁶ Teodor SHANIN em seu artigo: *El último Marx dioses y artesanos*", enumera uma série de acontecimentos que desempenharam uma importância decisiva na evolução de Marx no período analisado: 1) a derrota da Comuna de Paris e a sucessiva dissolução da Comuna de Paris, 2) o descobrimento da pré-história, que será objeto de estudos sucessivos por parte de Karl Marx, 3) associado a descoberta anterior, a ampliação dos conhecimentos sobre as sociedades rurais não capitalistas e por fim 4) A Rússia e os russos que ofereciam uma combinação de todas as causas anteriores. In: SHANIN, T., "*El Marx tardío y la vía rusa...*", op. cit., pp. 18-19.

Como eu não construí jamais um sistema socialista trata-se de uma fantasia dos Wagner, Schäffle e tutti quanti".⁶⁷

O filósofo comunista italiano Cesare Luporini sintetiza da seguinte maneira o período em questão:

Momento de máxima maturação da metodologia de Marx e de máxima flexibilidade de sua concepção histórica, momento no qual ele dissolve definitivamente qualquer equívoco desta concepção, com uma filosofia da história ou teoria histórico-filosófica.⁶⁸

Uma análise da problemática resultante dos últimos escritos de Marx nos remete, igualmente, às questões relacionadas ao atraso da publicação dos textos pertencentes a este período como, também, às razões de seu relativo esquecimento. Dois autores ingleses, Derek Sayer e Philip Corrigan, que analisaram a obra de Marx do período em foco, afirmam sobre este problema o seguinte: "o último Marx é um recurso fundamental e escandalosamente abandonado pelos socialistas de hoje".⁶⁹

Um exemplo paradigmático desta questão foi a negativa de G. Plekhanov publicar a referida carta de Karl Marx a Vera Zasulich,⁷⁰ uma vez que esta se chocava com a visão defendida então por Plekhanov contra os populistas russos.

⁶⁷ MARX, Karl. *Notas Marginais ao "Tratado de Economia Política"* de Adolph Wagner. México: Siglo XXI, 1982, p. 34.

⁶⁸ LUPORINI, Cesare. *Crítica de la política y crítica de la economía política de Marx*. In: MARRAMAO, Giacomo et. al. *Teoría Marxista de la política*. México: Siglo XXI, 1981, p. 85.

⁶⁹ SAYER, Derek e CORRIGAN, Philip. *El último Marx: continuidad, contradicción y aprendizaje* in: Shanin, Teodor (org). *El Marx tardío y la vía Rusa. Marx y la periferia del capitalismo*. Madrid: Editorial Revolución, 1990, p. 121.

⁷⁰ Sobre as vicissitudes da publicação da *Carta de Marx a Vera Zasulich*, consultar os artigos de NICOLAIEVSKI, Boris: *Marx y el Problema Ruso* e RÍAZANOV, David Borisovitch: *Vera Zasulich y Karl Marx*, in: K. MARX e F. ENGELS: *Escritos sobre Rusia*, op. cit.: pp. 9-27. Para uma análise sistemática destes problemas, cf. WALICK, Andrzej: *Marks, Engels i Narodnictwo Rosyjskie*, in: *Polska, Rosja, marksizm. Studia z dziejów marksizmu i jego recepcji*, Varsóvia: K i W, 1983, pp. 59-143.

Acreditamos que o esquecimento dos textos pertencentes ao último período da vida de Marx, em particular dos textos aqui analisados, pode parcialmente ser explicado pela dissonância que estes textos representavam em relação à tradição do marxismo da II Internacional e, pela sucessiva interpretação do marxismo durante o período stalinista – em particular a suas concepções sobre a sucessão dos “cinco” modos de produção e sobre a inexistência do modo de produção asiático.

A não publicação e o esquecimento dos referidos escritos representou a impossibilidade de acesso a um importante instrumental crítico, que se chocava com diferentes interpretações etapistas, fatalistas ou etnocêntricas, que influenciaram fortemente a tradição marxista e que chegaram a justificar até mesmo o apoio a uma política colonialista.